

Midiativismo: tecnologias, práticas e contextos nas lutas no Rio de Janeiro¹

Marcelo Castañeda (PPGCom/UERJ)

PALAVRAS-CHAVE

Midiativismo. Internet. Movimentos em rede.

1. Introdução

Se existe um campo que ganhou projeção nos protestos deflagrados nas ruas brasileiras em junho de 2013 este foi o que se denomina midiativismo. Com um telefone celular na mão, transmitindo manifestações que se desenrolaram até outubro no Rio de Janeiro ou mesmo registrando em fotos e vídeos compartilhados posteriormente em *sites* de redes sociais, em especial o *Facebook*, certas pessoas estavam desempenhando práticas que, em um contexto de contestação da ordem vigente, desafiavam a narrativa hegemônica das corporações midiáticas.

Neste artigo, pretendo analisar o papel das tecnologias na configuração de práticas e contextos inerentes ao campo do midiativismo. Trata-se de entender como máquinas e aplicativos tecnológicos possibilitam uma ação sociotécnica que viabiliza conexões entre pessoas que perfazem um contra-poder. Evidentemente, não se trata de um processo linear e esta é apenas uma primeira aproximação que reflete um trabalho de pesquisa que envolveu observação participante de manifestações de rua, entrevistas em profundidade com pessoas que identifiquei como midiativistas e monitoramento de páginas de coletivos midiativistas no *Facebook*.

Primeiramente, cabe destacar que entendo um midiativista de forma não essencializada, o que quer dizer que não existe por si, mas se faz, conforme o entendimento de classe para Thompson (1987). Ou seja, são os contextos em que as pessoas se engajam com as tecnologias, propagando imagens e textos em rede, que fazem alguém seja visto como midiativista.

Para a perspectiva que adoto, não existe uma diferença significativa entre um indivíduo que se tornou famoso ao atuar pelo Mídia NINJA transmitindo corajosamente as manifestações no segundo semestre de 2013 e aquele anônimo que filmou Claudia Silva Ferreira sendo arrastada depois de morta pelo carro da Polícia Militar pelas ruas de Madureira no primeiro semestre de 2014. Ambos desempenham o mesmo papel de

¹ Trabalho apresentado na 30a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

registrar tecnologicamente, objetificar uma parte do real em um componente técnico, propagando este registro com a internet a fim de criar uma rede de solidariedade, identificação e denúncia capaz de mudar a narrativa dominante tecida pela mídia corporativa que tende a produzir a não existência de questões que são caras ao campo de lutas e mobilizações.

Desta forma, pretendo apresentar o contexto global daquilo que podemos chamar de capitalismo contemporâneo e a emergência do paradigma da rede, do trabalho imaterial, da centralidade da comunicação nas políticas da multidão contra o Império. Feito isso, vou destacar o papel da internet nos movimentos em rede para enfatizar as tecnologias, práticas e contextos que compõem o campo do midiativismo no Rio de Janeiro, contando principalmente com o material das entrevistas realizadas, a fim de mostrar como a internet é elemento fundamental para a configuração dos movimentos em rede que emergem neste século XXI.

2. O contexto global das lutas no capitalismo contemporâneo

Esta seção pretende traçar um contexto das mudanças globais que o capitalismo passa a partir de críticas efetuadas a partir dos anos 1960, mostrando como a estrutura das empresas foi afetada e como uma nova subjetividade capitalística que nos rege atualmente com uso intensivo de tecnologias de comunicação viabilizadas pela internet. Boltanski & Chiapello (2009) chamam atenção para uma proliferação de formas de organização que prometem igualdade formal e respeito às liberdades individuais no âmbito empresarial, que incorpora aspectos tão cultuados pelos movimentos sociais contemporâneos e que foram tomados como crítica em algum momento no passado, mas que hoje alimentam o próprio capitalismo em suas configurações atuais.

As novas configurações do capitalismo compreendem que as críticas constituem um dos elementos determinantes das demandas de autenticidade e liberdade. O questionamento do controle hierárquico e concessão de maior margem de liberdade surgem como eco das denúncias antidisciplinares e das aspirações à autonomia fomentadas no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970². Tudo isso vem sendo

² Dentre as qualidades derivadas de 1968, Boltanski & Chiapello (2009) destacam a autonomia, a espontaneidade, a mobilidade, a capacidade rizomática, a polivalência, a comunicabilidade, a abertura para os outros e as novidades, a disponibilidade, a criatividade, a intuição visionária, a sensibilidade para diferenças, a capacidade de dar atenção à vivência alheia, a aceitação de múltiplas experiências, a atração pelo informal e a busca de contatos interpessoais.

continuamente incorporado pelas empresas que configuram os atores fundamentais do capitalismo, como mostra a produção de coisas ajustadas à demanda, personalizadas, capazes de satisfazer verdadeiras necessidades e propor modos de organização mais pessoais e humanos.

Lazaratto e Negri (2013) entendem que a reestruturação produtiva das grandes fábricas reflete a centralidade de um “trabalho vivo” cada vez mais intelectualizado em um modelo pós-fordista com capacidade de escolher entre diversas alternativas e responsabilidade de certas decisões. A interface entre diferentes funções, diversas equipes e níveis de hierarquia denota uma organização e comando da personalidade e da subjetividade que tem origem na luta contra o trabalho do operário fordista bem como de processos de socialização e a formação e autovalorização cultural.

Este trabalho imaterial não se reproduz na forma de exploração, mas de reprodução da subjetividade, sendo importante se reter na independência da atividade produtiva em face à organização capitalista da produção e no processo de constituição de uma subjetividade autônoma ao redor do que chamam de “intelectualidade de massa”. A independência progressiva da força de trabalho torna necessário reconhecer a articulação independente da cooperação social do trabalho na fábrica, na fábrica social e no terciário de ponta. O controle capitalista se tornou totalitário, mas formal e externo, considerando que o conteúdo do processo pertence à cooperação social do trabalho imaterial. É cada vez mais o trabalho que define o capitalista e, assim, possibilita uma composição material diferente para o terreno das lutas que se tecem na contemporaneidade.

A discussão sobre multidão nos termos propostos por Hardt & Negri (2004) considera que a ação política para a transformação e libertação só pode ser conduzida com base na multidão, que é composta por um conjunto de singularidades perfazendo um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, pois se mantém diferente, e cuja constituição não se baseia na identidade ou na unidade, mas no que têm em comum. Embora múltipla e diferente, a multidão é capaz de agir em comum e se governar no sentido de tentar realizar a democracia tida como governo de todos por todos. A multidão aparece, então, como sujeito comum do trabalho, mas também como objeto a partir do qual o capital coletivo tenta formar o corpo de seu desenvolvimento global. Neste sentido, o capital quer transformar a multidão numa unidade orgânica e o Estado quer transformá-la num povo.

No conceito de multidão não existe prioridade política entre as formas de trabalho: são todas produtivas, produzem em comum e compartilham um potencial de resistir à dominação do capital, refletindo uma igualdade de oportunidades de resistência. No que nos interessa aqui, a comunicação inerente a revolta multitudinária que originou boa parte dos coletivos e engajou muitas pessoas no campo que definimos como midiativismo, cabe destacar que todas as formas de comunicação combinam produção de símbolos, linguagem e informação com produção de afeto tecida nas lutas.

O midiativista pode ser visto como um precário, que investe seus recursos tecnológicos em prol do registro das lutas que se tecem numa composição do trabalho diferenciada. As lutas dos pobres contra suas condições de pobreza afirma o poder biopolítico pelo qual todos participam da produção social, configurando a riqueza dos pobres na sua necessidade de revelar produtividade comum em projetos políticos constituintes, tais como as assembleias e ocupações que proliferaram no segundo semestre de 2013 no contexto do Rio de Janeiro, mas também mobilizações sindicais por fora das estruturas dos sindicatos, tais como a greve dos garis de 2014.

Para Hardt & Negri (2004), o ponto de partida para a construção de alternativas está na produção de subjetividade, em especial a partir da comunicação propiciada também pelos midiativistas tidos aqui como parte desta multidão selvagem e indomável, e na produção do comum que podem formar uma relação simbiótica em forma de espiral. A subjetividade é produzida através da cooperação e da comunicação, produzindo novas formas de cooperação e comunicação.

A comunicação aparece como produção baseada em linguagens, símbolos, ideias e relações que compartilhamos e tem como resultados novas imagens, símbolos, ideias e relações comuns. Se a exploração tende a agir diretamente sobre nossos desempenhos através do controle do comum pelo capital, a ampla difusão social e a centralidade das práticas do comum em nosso mundo criam condições que tornam possível um projeto de criação de uma democracia baseada na livre expressão e na vida em comum.

Feita essa contextualização inicial acerca das configurações que as lutas assumem no momento atual do capitalismo, cabe-nos enveredar para entender as práticas e contextos em que as tecnologias servem para a produção de subjetividade multitudinária para os sujeitos que podemos identificar como midiativistas.

3. Internet e os movimentos nas redes de comunicação e poder

A perspectiva da teoria do ator-rede, desenvolvida por Bruno Latour (2012), chama atenção para a possibilidade de entender as mediações sociotécnicas que estão em jogo com a internet. Neste sentido, este conjunto de tecnologias, práticas e contextos permite estabelecer novas conexões e associações se forem vistas como participantes da composição de um coletivo heterogêneo em um mundo comum. A internet pode acelerar, viabilizar ou facilitar uma ação coletiva, bem como, dependendo da situação, sua ausência pode atrasar, impedir ou dificultar determinadas mobilizações nas sociedades contemporâneas. Assim, uma análise da ação coletiva não deve se concentrar em atores e agentes que agem em contextos específicos, mas nos fluxos contínuos que mobilizam conjuntos compostos por pessoas e objetos que se inter-relacionam, formando um ator-rede.

A teoria do ator-rede chama atenção para as múltiplas possibilidades de agenciamento e construção de atores que surgem em função destas tecnologias. Latour (2012) propõe seguir as associações, desvendando os mecanismos de formação dos grupos e buscando apreender a emergência de um conjunto heterogêneo de processos de agenciamento, que envolvem não apenas os humanos, mas também objetos materiais que passam a se constituir, também, como agentes, notadamente no ambiente gerado pelo intenso desenvolvimento científico e tecnológico a partir da segunda metade do século XX.

A internet pode ser entendida como um conjunto de tecnologias, práticas e contextos (Miller & Slater, 2000), que permite estabelecer novas conexões e associações se estas tecnologias, práticas e contextos forem vistas como participantes na composição de coletivos políticos heterogêneos. Se este conjunto for apreciado como uma série de mediadores³ nos termos da teoria do ator-rede na perspectiva de Latour (2012), a internet pode acelerar, viabilizar ou facilitar uma ação coletiva, bem como, dependendo da situação, sua ausência pode atrasar, impedir ou dificultar determinadas mobilizações políticas nas sociedades contemporâneas.

³ Latour (2012) faz uma distinção entre intermediários e mediadores, que é muito importante na lente analítica da teoria do ator-rede. De um lado, os intermediários são elementos que transportam significado ou força sem que estes se transformem, ou seja, a definição das causas é suficiente para definir os resultados da formação dos grupos. Um intermediário pode ser tomado como uma caixa-preta, mas conta como um elemento da formação dos grupos, ainda que internamente seja composta de muitas partes. De outro, os mediadores podem contar tanto como um elemento, quanto para nenhum, como para vários elementos ou para o infinito. Neste caso, as causas não configuram bons indicadores para os resultados em um processo de formação de grupos, tendo em vista que todos os instantes devem ser considerados, já que, pela sua especificidade, os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que deveriam transportar.

Ao inserir objetos materiais, como é o caso das tecnologias da internet, na análise sociológica, indo além das montagens formais da sociedade e da natureza, Latour (2012) assinala uma progressiva composição de um mundo comum em coletivos, que redefinem a política. Ao tratar da ação, o autor assinala que esta não se dá sob o controle total da consciência, mas pode ser sentida como um nó ou um conglomerado de conjuntos surpreendentes de agências.

Castells (2009) chama atenção para o fato de que as redes de poder construídas em torno dos Estados e sistemas políticos continuam a desempenhar um papel importante na construção global de redes de poder. No entanto, o autor destaca as redes de comunicação como elementos fundamentais nos processos inerentes à construção de poder em uma sociedade global em rede. O advento da internet contribuiu para isso ao possibilitar a emergência de uma nova forma de comunicação, a autocomunicação de massas, onde muitos emissores-receptores se comunicam com outros muitos emissores-receptores, podendo ser vista como a base para a configuração de uma esfera pública em rede, que amplia as possibilidades de comunicação dialógica e formação de opinião (Benkler, 2006).

Seguindo as pistas de Latour (2012), torna-se importante entender os motivos, processos e atores, humanos ou não, que atuam na gestão dos processos de comunicação através dos quais são construídas e exercidas as relações de poder. Com a pesquisa realizada, busco entender os processos pelos quais as relações de poder podem ser alteradas pelas ações analisadas, buscando identificar e analisar os atores coletivos que objetivam a mudança social e procuram influenciar a esfera pública em diferentes escalas.

Castells (2009) assinala que o poder na sociedade global em rede é constituído por dois mecanismos: a programação e a conexão das redes. Primeiro, a constituição de redes pelas organizações e redes atuantes no processo de comunicação depende da capacidade de programar estas redes com objetivos, e reprogramá-las para atingir os objetivos programados, que são específicos para cada rede. Segundo, a capacidade de conectar redes procura garantir a cooperação de redes diferentes, ao compartilhar objetivos comuns, bem como afastar a competição de outras redes, por meio da cooperação estratégica.

A ação coletiva pode afetar as relações de poder nas redes globais de comunicação que estruturam as sociedades mediante a construção de quadros de significação contendo discursos globais com potencial para reprogramar redes. Outra

possibilidade passa pela ação nas conexões de poder na medida em que os programas de cada rede determinam o alcance de interfaces possíveis no processo de conectar com outras redes. Castells (2009) ressalta que a ação coletiva deve se voltar, de um lado, para a produção de códigos culturais e, de outro, para inserir novas informações, práticas e atores-rede no sistema político. A mudança social na sociedade em rede, então, é produto da reprogramação das redes de comunicação que constituem o ambiente simbólico de manipulação das imagens e processamento das informações.

Considerando a perspectiva da teoria do ator-rede, estas redes, bem como seus programadores e conectores, podem ser analisadas como um conjunto complexo de interações entre atores sociais, como indivíduos e grupos, e objetos materiais, com destaque para as tecnologias da internet.

Ao refletir sobre os protestos e manifestações pelo mundo no ano de 2011, Castells (2012) assinala que trata-se de movimentos que são locais e globais ao mesmo tempo e, em sua gênese, são geralmente desencadeados por uma faísca de indignação relacionada com um evento específico ou um desgosto com a ação dos governantes. Seguindo a lógica das redes da internet, também são virais, não somente pelo caráter de difusão das mensagens ou de mobilização das imagens, mas pelo efeito das manifestações, que passaram a brotar por todos os lugares, assumindo uma viralidade. Estes movimentos são auto-reflexivos, raramente programáticos, exceto quando seu foco é uma questão clara e simples quanto derrubar regimes ditatoriais. Também pretendem mudar os valores da sociedade, e eles podem ser movimentos de opinião pública, com consequências eleitorais. Por fim, são políticos em um sentido fundamental, em especial quando eles propõem e praticam a democracia deliberativa, direta, baseada em uma democracia em rede.

Neste artigo, resalto os aspectos relacionados com as implicações políticas que podem estar associadas com a internet, procurando compreender se este conjunto imbricado de tecnologias, práticas e contextos trouxe novos aportes para formas de ação coletiva, em especial para coletivos e pessoas que atuam no campo do midiativismo que tomaram parte em ações de reivindicação ou protesto desenvolvidas a partir de junho de 2013 no contexto brasileiro, particularmente no Rio de Janeiro.

A intenção aqui é buscar indícios para entender como determinados grupos agem coletivamente com a internet para demandar questões junto a um alvo político estabelecido na arena pública, ou seja, como as tecnologias da internet se associam com as práticas de agentes em contextos específicos, compondo novas configurações e

reconfigurações de formas de ação coletiva, que proporcionam novas modalidades de mobilização, engajamento e participação, bem como o surgimento de novas organizações e maneiras de se organizar, como é o caso dos coletivos e pessoas que podem ser classificadas no campo do midiativismo na cidade do Rio de Janeiro que vamos analisar a seguir.

4. O campo do midiativismo no Rio de Janeiro

Nesta pesquisa realizei seis entrevistas com atores que apresentaram certo destaque no campo do midiativismo no contexto do Rio de Janeiro. Dentre eles, podemos destacar três coletivos (*Mídia NINJA*, *Mariachi* e *Mídia Independente Coletiva – MIC*) e três pessoas que atuam de forma independente. Nas observações realizadas pelo *Facebook*, posso destacar outros coletivos que foram observados, tais como *Rede de Informações Anarquistas*, *Linhas de Fuga*, *Coletivo Papo Reto*, *Maré Vive* e *Coletivo Carranca*, sem falar dos vídeos e fotos que ganham esta plataforma sociotécnica pela via dos perfis individuais. Também considero aqui, no âmbito de uma participação observante, nos moldes preconizados por Latour (2000), minha inserção nas manifestações e eventos que tomaram forma na esfera pública carioca desde antes de junho de 2013.

Nesta seção mostro como as tecnologias da internet se articulam com práticas e contextos que configuram movimentos em rede, com destaque para o uso de celulares e câmeras que se entrelaçam em práticas tecidas em redes sociotécnicas acessadas por notebooks e computadores em contextos específicos. Ao delinear estas tecnologias, práticas e contextos de forma descritiva e entrelaçada perfaço um panorama inicial deste campo a ser complementado por novas ações de pesquisa.

O mês de junho de 2013 aparece com importância fundamental em todas as narrativas dos entrevistados. Junho de 2013 instituiu um antes e depois como um marco na história das mobilizações, caracterizado por seu caráter multitudinário, imprevisível e de difícil entendimento. Para a finalidade deste artigo, importa destacar a percepção unânime de todos os entrevistados a confirmar essa marcação revolucionária e, ao mesmo tempo, constituinte do campo do midiativismo aqui investigado.

Vou organizar a exposição das narrativas a partir do contexto dos coletivos até chegar nas pessoas que reconheci como midiativistas. Parto dos contextos para depois apresentar as práticas e as tecnologias que verificamos até aqui. Trata-se de mostrar,

primeiro, a constituição do nó mais central, o *Mídia NINJA*, até chegar em coletivos que se formaram no calor da hora das manifestações de junho de 2013, tais como *Mariachi* e *MIC*, até chegar naqueles que podem ser vistos como independentes, traçando um plano conveniente com a forma pela qual vejo o midiativismo, ou seja, a capacidade de propagar um registro efetuado por meio de uma tecnologia específica (seja câmera ou telefone celular) com a intenção de propagá-lo, em especial pelas redes sociotécnicas, entre as quais o *Facebook* aparece como plataforma de destaque.

No que diz respeito ao *Mídia NINJA*, coletivo que se forma entre o final de 2012 e início de 2013, assumindo a centralidade no campo do midiativismo, a ponto de ser confundido com o próprio campo, a narrativa que coletamos mostra a importância da rede *Fora do Eixo* na sua constituição. No âmbito da produção cultural que caracteriza esta rede, trata-se de uma apropriação da tecnologia para produzir conteúdo e se conectar com mais pessoas, tudo isso a partir de 2005 quando o *Fora do Eixo* toma forma. A partir da sua casa de São Paulo, da aproximação com o jornalista Bruno Torturra e da repressão da *Marcha da Maconha* e consequente organização da *Marcha da Liberdade* em 2011, começa a ser delinear a *Pós-TV* como um canal alternativo vinculado a esta rede. A partir da necessidade de atuar em contextos políticos na cobertura tida como independente, formam a *Mídia NINJA*, que começou sua atuação com a cobertura do *Fórum Social Mundial* na Tunísia, no início de 2013. Também teve destaque o caso de cobertura do assassinato do líder rural José Cláudio, em Marabá (PA).

Concentrados inicialmente em São Paulo (SP) no início dos protestos de junho de 2013, com a transferência do eixo de mobilizações para o Rio de Janeiro a partir do final de junho até outubro de 2013 o *Mídia NINJA* se desloca e passa a atuar mais nas manifestações quase que diárias que tomavam corpo, com destaque para a transmissão ao vivo, o *streaming*, que lhe conferiu centralidade no campo de midiativismo. Organizado a partir de reuniões semanais no campus da Praia Vermelha da *Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ*, uma série de adeptos ia se incorporando ao coletivo na medida em que bastava ter um aparelho celular e a disposição para estar fisicamente cobrindo as manifestações que se desenrolavam. Conflitos também se deram originando outros coletivos, entre os quais o *Coletivo Carranca* parece ser o mais evidente caso de dissidência.

Vale destacar a narrativa presente em dois outros coletivos que se formaram em pleno contexto das manifestações, o *Mariachi* e a *MIC*. Um ponto que aparece

recorrentemente como convergência dos antecedentes de junho de 2013 é a mobilização em torno da permanência da Aldeia Maracanã em março de 2013. Isso aparece para a *MIC*, mas também para duas pessoas independentes entrevistadas.

A *MIC*, por exemplo, tomou forma entre 17 e 20 de junho de 2013, a partir do encontro de três pessoas que compartilhavam imagens em seus perfis pessoais no *Facebook* e decidiram, por questões de segurança, criar uma marca que refundasse o *Centro de Mídia Independente – CMI*. Como o *CMI* ainda continuava operando fizeram um trocadilho com as letras e se mantém como uma página no *Facebook*. Da mesma forma, o *Mariachi* se forma depois do dia 20 de junho de 2013 e mantém uma página no *Facebook*, contando com a experiência de um profissional que usa as redes sociotécnicas de forma intensiva, mas realizando fotos e vídeos e transmitindo atos. O engajamentos dessas pessoas em coletivos se deu a partir da necessidade de proteção, mas se somar forças que extravasassem o desejo de registrar e propagar o que estava acontecendo para compor uma contra-ofensiva ao que entendem como manipulação da mídia corporativa.

Todos os entrevistados faziam uso das tecnologias da comunicação, alguns com experiência em produção cultural e edição de vídeo, outros simplesmente contando com um telefone celular adequado para o registro e propagação imediata de imagens e áudio. As manifestações de junho de 2013 foram fundamentais para o engajamento dos que consideramos aqui como independentes, sendo que todos tinham uma trajetória de uso das tecnologias, alguns inclusive já usavam estas de uma forma política.

No caso de maior destaque entre os entrevistados, o autor do personagem Rafucko mostra que sua formação em rádio e TV e atuação como analista de conteúdo de uma emissora de televisão em meados dos anos 2000, bem como seu interesse nas tecnologias da comunicação, foram fundamentais para sua prática enquanto midiativista desde 2008 quando comprou uma câmera e um computador para produzir vídeos propagados nas redes sociotécnicas, em especial *Twitter* e *Facebook*, abordando diferentes temáticas, com destaque para violência policial em protestos e favelas, homofobia, a questão indígena, racismo, violência contra mulher e manipulação midiática. Na sua narrativa, existe uma perspectiva crítica acerca dos processos deflagrados a partir de junho de 2013: apesar da esperança que trouxe, os resultados atuais remetem a um recuo a ponto das pessoas estarem ainda assistindo a *Rede Globo*, o que é motivo de desalento por parte deste entrevistado. Este midiativista cunhou,

inclusive, uma definição interessante para o midiativismo, visto como um método que define o campo mais que o conteúdo: fazer por conta própria.

Outros dois midiativistas independentes remetem a junho de 2013 como momento importante para que se sentissem como parte deste campo ainda que atuando individualmente. Uma delas diz que não consegue entrar num coletivo, pois prefere acreditar no *insight* para concorrer com a “grande mídia” na sua rede de contatos no *Facebook* aproveitando sua formação publicitária que lhe permitem divulgar fotos com frases bombásticas ou mesmo vídeos curtos de até um minuto. Trata-se fundamentalmente de como “ser rápida, eficiente e dinâmica” para passar a mensagem, comunicar e “marcar” as pessoas certas em rede. Outro entrevistado destaca que se expressa como ser humano usando uma ferramenta, o *Facebook*, tido como “um lugar que pode conectar-se com pessoas, mesmo quem não conhece”, tendo em vista que não conhece metade de sua rede. Ele traz uma questão importante para a formação de um campo midiativista: as redes de solidariedade que se formaram nas ruas, onde conheceu todos os que atuam neste campo. Para ele, a questão passa por entender o viés ativista que cada um carrega sendo que o uso da tecnologia apenas potencializa isso em contextos específicos.

Portanto, como contexto das práticas e tecnologias mobilizadas pelos sujeitos entrevistados, os protestos de junho de 2013 configuram o marco fundamental para toda narrativa do midiativismo, sem esquecer das mobilizações pela permanência da Aldeia Maracanã em março de 2013 como um elemento que possibilitava prever o que viria, em especial a repressão policial, que foi objeto recorrente dos midiativistas. Também podemos perceber que a maior parte dos entrevistados se voltava para uma plataforma específica, o *Facebook*, para propagar suas produções e registros de imagens. Neste sentido, cabe entender as práticas que estavam inseridas neste contexto de ação, bem como as tecnologias que estavam associadas a essas práticas, o que faremos a seguir, a partir da experiência de cada entrevistado, procurando uma contextualização.

Para um dos entrevistados, o trabalho com vídeo no final de 2006 estava associado a tecnologias como mini-DV, da mesma forma que oficinas de zine nas escolas de Cuiabá (MT) onde morava compreendia o uso de redes sociotécnicas como *Orkut* e *Fotolog*. Para esta pessoa que atuava na *Mídia NINJA* mostra que na transmissão ao vivo da *Marcha da Liberdade*, em 2011, a tecnologia utilizada foi o *Livestream* com mochilas e vários *chips* de celulares, garantindo um expressivo acesso por 60 mil pessoas, um marco na época. Uma verdadeira parafernália de cabos de rede,

geradores e microfones tomava conta da operação da *Pós-TV* com a promoção de programas de debate na rua ou nas casas do Fora do Eixo.

Todo esse aparato técnico e expertise foram importantes na criação do *Mídia NINJA* que buscava transmissões usando telefone celular e conexão 3G para propagar fotos e transmissões em tempo real. Em junho de 2013, a página deste coletivo no *Facebook* contava com 10 mil seguidores, refletindo uma capilaridade nacional para falar o que está acontecendo com coberturas diferentes da grande mídia. Fora isso, o midiativista entrevistado destaca que muita gente levava câmera e telefones celulares, promovendo uma miríade de imagens e narrativas nas redes sociotécnicas, bem como possibilitando encontros que levaram à formação de outros coletivos.

Esse estímulo se mostrou importante para filmar policiais que participavam do aparato repressivo que foi mobilizado para os contextos de manifestação a partir de junho de 2013. O caso do estudante Bruno Telles é emblemático: sua detenção na manifestação do dia 22/7/2013 por ocasião da visita do papa ao Rio de Janeiro gerou uma vigília na porta do Tribunal de Justiça e um trabalho coletivo e cooperativo de pessoas que filmaram o momento de sua detenção, provando que ele não arremessou um coquetel molotov, gerando sua liberdade e uma reparação da *Rede Globo de Televisão*. Essa mudança de narrativa da mídia corporativa pode ser contabilizada como uma vitória do midiativismo.

Vale destacar a miríade de tecnologias que perpassam as práticas destacadas por este entrevistado que era ligado à *Mídia NINJA*. As primeiras transmissões ao vivo, como no carnaval de São Paulo em 2013, envolviam aplicativos como o *Livecam* e o *Twitter*, sites de transmissão ao vivo como *LiveStream* e o *Youstream*, ou mesmo o *Hangout* do *Google*, acompanhados de uma parafernália de equipamentos como cabos de rede, gerador, caixa de som, microfone, mesa de som que iam para todos os lugares em busca de uma conexão de internet emprestada e a inovação do carrinho de supermercado para carregar isso tudo.

Isso tudo fica para trás quando o telefone celular começa a possibilitar conexão direta com a internet, bem como o aplicativo *Twitcasting* surge dividindo a tela do telefone celular em duas de forma a viabilizar a transmissão e o recebimento de mensagens com inerente interação com a audiência conectada. No fundo, o midiativismo é uma bricolagem, uma gambiarra que possibilita a qualquer um que tenha acesso a um mínimo de tecnologia da comunicação, no caso um telefone celular e uma conexão à internet, possa se fazer um midiativista.

Uma prática comum ao campo é tirar foto, geralmente numa câmera com tecnologia DSLR com *wifi*, tida como a “câmera do midiativismo”, passar essa foto para o celular com algum tratamento e postar em tempo real. O telefone mais usado entre os entrevistados era o *Iphone* em suas diferentes versões, ainda que celulares *Samsung* com sistema operacional *Android* sejam também adequados para as transmissões. A conexão poder ser pré-paga ou pós-pago dependendo das operadoras. A questão da edição também foi reforçada por este entrevistado, considerando que existe edição na transmissão ao vivo na medida em que é o ponto de vista pessoal de quem está implicado na luta que configura o quadro em pauta. Desta forma, o *streaming* reflete o momentâneo e o efêmero do contexto de revolta, não tem como função produzir conteúdo aprofundado sobre os processos em curso.

Outro midiativista ligado ao coletivo MIC, ao falar do *streaming* diz que este processo atende mais diretamente o processo de mobilização pois causa mais efeito e faz referência ao aplicativo *Twitcasting* e a um aplicativo do *Facebook* para transmissões. Ao falar da tecnologia DSLR, como todos, destaca que a marca não importa, pode ser Canon ou Nikon, mas elas são feitas para fotografar e gravam *full HD* até 12 minutos ininterruptos. Além disso, são equipamentos resistentes, inclusive à água. Novamente, “a edição está na mente, sendo que o *streaming* apenas evita passar pelo *Adobe* (programa de edição)”.

Uma prática que convive com a transmissão na MIC é a edição de vídeos, que consiste em capturar imagens em atos e procurar colocar o vídeo o mais rápido possível no *Facebook*, considerando que o primeiro vídeo tem mais impacto, o que mostra de certa forma uma corrida pela reputação na rede entre os coletivos. Entre os *softwares* de edição relacionados estão o *Movie Maker*, que seria mais vagabundo e viria junto com o *Windows*, o *Adobe Premier* e o *Final Cut*, estes dois últimos mais elaborados.

Neste sentido, o midiativista é aquele que sabe usar a tecnologia para combater a opressão nos limites permitidos pelo Estado se concentrando em manifestações e eventos públicos, mas também no monitoramento pelas redes sociotécnicas, tais como *Facebook* e *Twitter*, para identificar focos de atuação através da pesquisa de notícias.

Na entrevista com o midiativista que atua no Coletivo Mariachi fica evidente uma encruzilhada que é tocada de alguma forma por todos, ou seja, uma dependência da plataforma oferecida pelo *Facebook*, que “virou meio para se apropriar da própria internet”, sendo que “a *timeline* é tratada como televisão”. Ainda que os vídeos e postagens do campo midiativista tenham um alcance considerável, este está restrito aos

parâmetros do *Facebook*. Para tentar uma alternativa, ainda incipiente, ao domínio atual do *Facebook*, o Coletivo Mariachi se uniu a MIC e outros midiativistas e criaram o portal *Mídia Coletiva*, em fase de experimentação.

No que diz respeito às pessoas que se engajam como midiativistas usando tecnologias da comunicação para tecer práticas em contextos específicos. Para uma delas, por exemplo, o aparelho *Iphone* era a única tecnologia utilizada, tendo em vista que só levava a câmera para “evitar porrada” da polícia em caso de algum conflito. Este telefone celular lhe possibilitava tirar fotos e filmar vídeos com rapidez e alguma capacidade de edição acreditando concorrer individualmente com o poder da mídia corporativa na construção de narrativas sobre os fatos que acontecem ao seu redor no contexto das manifestações e eventos em que agia ao postar imagens com texto no *Facebook*.

Neste sentido, ela valoriza mais a dimensão ativista, acreditando que as tecnologias servem como meio para realizar qualquer ativismo. Essa visão é compartilhada com outro entrevistado independente que foi para a rua com uma câmera e um celular para filmar as manifestações de junho de 2013 em diante no Rio de Janeiro. Para ele, a questão passa pelo ativismo sendo que o prefixo “mídia” ou “ciber” implica uma derivação. O ativismo através da mídia é visto como “potência do um, que nasce do um”: o midiativista remete fundamentalmente a posturas.

Ele diz que se sentiu midiativista “quando as bombas vieram, em vez de sair para me proteger, fui filmar”, destacando que conheceu todos que entende como midiativistas na rua. Aconteceram alguns encontros de midiativistas na Casa Nuvem em que haviam trocas de materiais de vídeo e discussões sobre as pautas que estavam em questão nas ruas. Tece uma crítica ao que enxerga como simulacro da dor e do ódio como algo inerente ao espírito de classe média que permeia este campo, faltando ir além desse discurso. Por isso, valoriza os midiativistas que atuam nas favelas, em especial através de perfis individuais no *Facebook*.

A prática dele consistia em filmar com telefone celular ou câmera, veiculando imagens no *Facebook*, sendo que chama atenção o fato dele colaborar com diferentes coletivos e pessoas sem buscar uma veiculação direta em seu nome. Para se ter uma ideia, ele diz ter muitas imagens mas só veiculou três planos-sequência abordando a violência policial a partir de um canal do *Youtube*. Este entrevistado destaca o trabalho envolvido na produção e registro de imagens que envolve jornadas de 5 a 14 horas de atuação nas ruas em prol de uma causa pública, engajando o corpo e tempo. Neste

sentido, vale a pena destacar a importância que o *Facebook* assume como plataforma de divulgação desta produção midiativista, ainda que seja também visto como encruzilhada e desafio a ser superado pelo campo, como destacado anteriormente.

Por fim, vale destacar o papel do midiativista que ficou mais reconhecido individualmente pelo talento e perspicácia crítica em todo esse processo analisado aqui, o Rafucko. Ele se diferencia pelo uso do *Twitter*, sem deixar de usar o *Facebook* e o canal que mantém no *Youtube*, sendo importante destacar o monitoramento das estatísticas de alcance que ele desempenha, ponto que é característico dos coletivos. O que pode ser destacado neste caso, é a capacidade de produção individualizada de peças de vídeo com temáticas provocantes acerca do contexto político com destaque para os direitos de minorias e a violência policial nas favelas e nos protestos.

Atuando neste campo bem antes dos protestos de junho de 2013, Rafucko destaca que todo vídeo que produz tem conteúdo político mesclado com boas doses de humor. Para ele, se tornar midiativista envolve “tomar para si o poder de ser a própria mídia”, um fazer por conta própria. Vale ressaltar que ele trabalha com os mesmos equipamentos desde 2010, um computador *Apple* e uma câmera, com um microfone que nunca funcionou, fazendo uso de um *software Final Cut* baixado livremente. Este entrevistado não costuma usar o telefone celular, ainda que, “por sorte”, tivesse um *smartphone* no momento de sua detenção arbitrária em uma manifestação que ocorreu no Leblon nos idos de julho de 2013 em um dos vários momentos em que viralizou nas redes sociotécnicas. Em relação ao *streaming*, este é usado para transmitir coletivas ou mesmo o *Talk Show* em que entrevistava algumas pessoas selecionadas. Por fim, destaco que Rafucko é um observador atento das redes sociotécnicas onde seleciona seus temas de intervenção política.

Considerações finais

No lastro do ciclo global de lutas que teve início em 2011 e ficou explícito com os protestos que tomaram as ruas do Brasil em junho de 2013, consideramos o contexto do Rio de Janeiro para entender as práticas que se teceram com a utilização de tecnologias da comunicação, tais como internet, telefones celulares e câmeras que configuram o midiativismo como um campo de pesquisa.

Ao entendermos as mudanças pelas quais a estrutura das empresas passaram ao incorporar a crítica antidisciplinar e subverter a hierarquia e pela emergência do

trabalho imaterial como tendência a organizar as redes de valores e subjetividades que operam no capitalismo contemporâneo, procuramos contextualizar o momento em que as lutas se tornam cada vez mais mediadas pelas tecnologias da comunicação configurando redes de comunicação e poder em disputa permanente na globalização vivenciada em diferentes locais do mundo.

Neste sentido, o campo do midiativismo no Rio de Janeiro apresenta uma relevância para compor o quadro que se apresenta com as mobilizações deflagradas em junho de 2013 na esfera pública, mas também nas redes sociotécnicas, em especial em plataformas como *Facebook* e *Twitter*. Com foco nas práticas e tecnologias, a pesquisa se concentrou em entrevistas realizadas com sujeitos que se reconheciam como midiativistas na medida em que faziam uso de diferentes tecnologias de comunicação para produzir e registrar imagens em vídeos que contribuía para formar uma narrativa diferente da mídia corporativa.

Longe de um campo unificado, a multiplicidade das singularidades marcam o panorama inicial traçado até aqui, constituindo uma variedade de possibilidades e dilemas que se mostram a partir do momento em que cessa o processo de mobilização a partir de outubro de 2013. Por isso, procurei destacar coletivos, partindo do que apresentou maior centralidade e tinha uma constituição prévia aos protestos de junho de 2013, a *Mídia NINJA*, até chegar a coletivos como a *MIC* e o *Mariachi* que se formaram à quente em meio às manifestações que eclodiam de forma multitudinária. Para não parecer que o campo se limita aos coletivos, que geralmente refletem uma certa preocupação com segurança, mapeamos algumas pessoas que se fizeram midiativistas de forma mais individualizada, ainda que colaborassem com coletivos, destacando um deles que também já tinha uma atuação como midiativista antes dos protestos de junho de 2013.

O ponto comum entre eles está nas práticas: transmitir ao vivo um ato ou evento usando a internet e aplicativos específicos; produzir registros de imagens a serem editadas e propagadas pelos canais do *Youtube* divulgados em plataformas como *Facebook* e *Twitter*; usar essas plataformas para manter um fluxo de atenção, em curtidas e compartilhamentos. Enfim, tudo isso em prol de criar narrativas alternativas à mídia corporativa, mas fortalecendo um novo tipo de poder em rede daquilo que se denomina “redes sociais” (que chamo sociotécnicas), mas que é cada vez mais concentrado no *Facebook*, e em muito menor escala no *Twitter*.

O que essas práticas nos mostram é que a ação política no mundo contemporâneo passa cada vez mais pelo uso das tecnologias da comunicação, sendo que o campo do midiativismo é o exemplo mais radical das possibilidades de uso destas tecnologias para tentar contrapontos possíveis ao domínio da mídia corporativa na formação de quadros de significação que refletem o poder constituído.

Desta forma, o midiativismo pode ser visto como uma prática que envolve tecnologias apropriadas por agentes em contextos específicos com uma dose de autonomia e liberdade para contestar as estruturas vigentes de exercício do poder. Como campo emergente e nascente está em constante mutação, tanto quanto as tecnologias mobilizadas e contextos de luta que se formam.

Referências bibliográficas

BENKLER, Yochai. *The wealth of networks – How social production transforms markets and freedom*. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Eve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Communication power*. New York: Oxford University Press, 2009.

_____. *Networks of outrage and hope: Social Movements in the Internet Age*. Cambridge/Malden: Polity Press, 2012.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LAZZARATO, Maurizio & NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

MILLER, Daniel & SLATER, Don. *Internet: an ethnographic approach*. Oxford: Berg, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.